



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL  
**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

# O fanfarrão

DOR  
LEONOR DE CAMPOS  
COM  
BONECOS DE ARCINDO



**O** Manuel é um fanfarrão. Todos os dias na escola, tem proeza nova a contar.

— «Sabem o que me sucedeu ontem? Quando ia para casa, esbarrei à esquina da rua com um latagão de cara preta, muito alto, muito forte... Ele ia continuar o seu caminho. Mas eu é que não estive pelos ajustes. Agarrei-o pela gola do casaco e saudi-o com tal força que o preto ajoelhou, a pedir desculpa...

No dia seguinte conta outra...

— «Esta manhã a minha criada quis pegar numa saca de batatas e não podia com ela. Mas eu vi aquilo, dei-lhe um encontrão, agarrei na saca, e fui despejá-la na despensa.

— «E quantos quilos de batatas tinha a saca?

— Devia ter... sim, eu não quero exagerar... mas menos de quarto arrobas, não tinha com certeza!...

Estão a ver a cara dos ouvintes, hein? Os mais pequenos abrem de tal forma os olhos, que estes parecem prestes a saltarem!... E os maiores afastam-se prudentemente, no receio de incorrerem no desagrado de Manuel.

Mas, na semana passada, entrou de novo um rapaz para a escola. É magrito, franzino, um Zé Ninguém. Ao lado de Manuel parece uma formiga junto dum elefante. Além disso, o Carlos — é este o nome do rapazinho — tem treze anos, ao passo que o Manuel já vai em dezasseis.

Apenas o Carlos entrou, o outro dispôs-se a amedrontá-lo. E à hora do recreio, chamou-lhe e, diante dos outros rapazes, estendeu-lhe a mão, dizendo-lhe:

— «Toca!... E quando precisares de protecção, estou aos ordens!... Tens focinho de rato esperto. Gosto disso!...

Carlos estendeu-lhe a mão. E Manuel apertou-lha com tal força, que até se sentiram estalar os ossos. Mas Carlos não gritou, nem se queixou como o outro esperava. Por sua vez, apertou com vigor a mão de Manuel.

Este sorriu, com um sorrizinho muito amarelinho e disse:

— «Bravo!... Assim é que se querem os homens!... Mas cuidado comigo!... Eu não sou para brincadeiras!... Passa por esta vez... mas...



(Continua na página 7)

# NEM POR MUITO MADRUGAR AMANHECE MAIS CÊDO

Por FELIZ VENTURA



fiam prestar provas e entre elas o nome de Isabel.

Mas as surpresas não ficavam por aqui. Ao serem afixados os resultados finais dos exames, viu que a Isabel fôra louvada com alta distinção, ao passo que ela apenas ficara aprovada.

O seu orgulho mais uma vez quis vencer mas a professora, que a tudo assistia, disse para a aula, agrupada à sua volta:

— «E' para mim motivo de grande orgulho saber que quasi tôdas aproveitaram o ano, tirando boas notas mas,



ao mesmo tempo, quero dizer-vos que a Isabel, a-pesar-de só ter dois meses e meio de aulas, conseguiu fazer um exame brilhantíssimo. Então, no meio das exclamações alegres de todos, a professora abraçou e beijou a Isabel que, de olhos baixos, como envergonhada, a tudo assistia.

Lota chorou, de arrependida que estava, pedindo perdão à Isabel pela forma como sempre a tinha tratado, pois esta, a-pesar-de ser pobre, era muito mais inteligente do que ela, que se julgava superior a tôdas.

E daí, por diante, nunca mais foi orgulhosa, tornando-se a Isabel sua amiga inseparável, com grande regozijo dos pais.

F I M

**L**OTA (como antigamente a tratavam) era uma garota lindíssima. Quando, manhã cêdo, corria pelo jardim, fazia-o com tanta graciosidade que mais parecia uma irrequieta borboleta, voando caprichosamente.

Seus pais, retirados da vida agitada da cidade, viviam naquela aldeia minhota, onde se dedicavam, exclusivamente, à educação da pequenina Lota, sua única filha.

Mas, esta, a-pesar-de viver no convívio da gente humilde do povo e de só muito vagamente se lembrar da cidade, tinha às vezes uns certos ares de orgulho desdenhoso, quando via as miúdas da aldeia com os seus simples vestidinhos de chita, ao passo que os dela eram da mais linda sêda, feitos, a capricho, pela boa Joana, a ama que a criara.

Já por várias vezes os pais a tinham repreendido pelo seu feio costume, pois nunca devia mostrar-se superior mas simplesmente sem vaidade alguma, pelo contrário demonstrando qualidades que decerto a fariam ainda mais querida por todos. Até o padre João (um simpático velhinho) lhe tinha, também, mostrado que, aos olhos de Nosso Senhor, não ficava bem que ela tivesse tal defeito. Mas, a-pesar-de muitas promessas no sentido de se emendar, o certo é que continuava na mesma.

Passaram, assim, alguns meses e chegou a altura de entrar na escola, onde logo se destacou, entre tôdas, pela sua aplicação ao estudo, sendo, dentro em pouco, uma aluna querida e respeitada por todos. Lota julgou, então, ser a

pessoa mais inteligente, arreigando-se-lhe, mais ainda, o feio defeito do orgulho.

Ora quando chegou à terceira classe, calhou matricular-se na escola uma pequenina chamada Isabel que, a-pesar-de ter menos um ano, se aplicou de tal maneira ao estudo que a professora,



decorridos uns meses, fez com que ela passasse de classe.

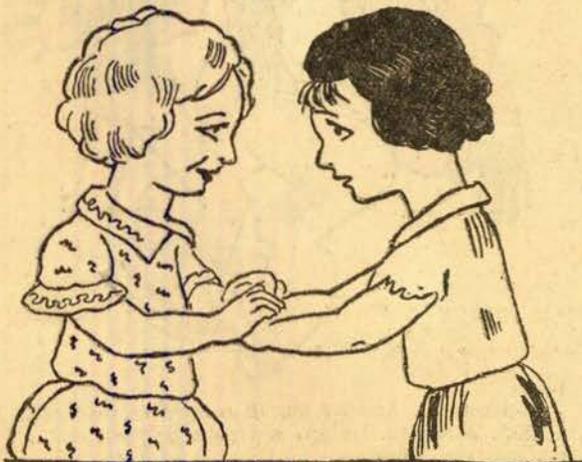
Lota não ficou satisfeita ante os elogios que dispensavam à pequena Isabel, e, daí em diante, começou tratando-a com frieza, ao contrário da outra que lhe dava a todos os momentos provas de grande amizade.

Passou mais um ano; chegou Outubro. Com êle a passagem de Lota para a quarta classe e da Isabel para a terceira. Então, algumas condiscípulas e até a própria professora, lhe disseram:

— «Se a Isabel seguir sempre como

agora, faz exame contigo». Todas achavam essa coincidência muito natural, dada a aplicação da pequena. Somente a Lota ficou silenciosa e, quando à noite se deitou, disse para consigo:

— «Como pode ela fazer exame comigo se eu tenho um ano de estudo a mais? E' impossível.» Mas os meses passaram e qual não foi o seu espanto quando ouviu a professora nomear as alunas que



# ESTOUVANICES

Por AMORA

O menino Zeca,  
de apelido Melo,  
tem um fato novo,  
— novo e muito belo. —

Fato à marinheiro,  
com calça comprida!  
E diz, prazenteiro:  
— «Eu vou à avenida.

Ai que impaciência!  
Vou mostrar-me ao povo.  
Té os marinheiros  
farão continência  
ao meu fato novo!

Por enquanto, não:  
Está pouca gente...» —  
E desce ao jardim,  
alegre e contente.

Cabeça no ar,  
o nosso rapaz,  
a rir, a pular,  
nem sabe o que faz.

«Que fato bonito...  
Nunca mais o estrago!...»  
Mas Zeca, a saltar,  
vai, nisto, parar  
ao fundo do lago!...



A barafustar,  
o rapaz, por fim,  
consegue saltar...  
E já no jardim,  
muito envergonhado  
o Zeca, a escorrer,  
parece — coitado! —  
um pinto ao nascer...

F

M

# A N E D O T A S

Um dia, o «Zé da Eira» foi ao mercado da vila. Ao passar, porém, por uma rua, viu um letreiro, sobre a porta duma loja, que dizia: — «VENDEM-SE FAZENDAS.»

Então, o «Zé da Eira» entra no estabelecimento e pergunta:

— «O senhor tem alguma fazenda boa que me venda?»

— «Tenho, sim senhor. — (Responde-lhe o caixeiro.) Quantos metros deseja?»

— «Isso pouco importa, — (volve o «Zé da Eira») — o que eu desejo é que seja boa, tenha água com fartura e árvores de fruto.

Numa escola, o professor ditou aos seus alunos o seguinte problema, a fim de eles o resolverem:

— «Dez operários começam e concluem uma determinada obra em cinco dias. Se, todavia, despedirmos 5 homens, em quantos dias a farão?»

Decorridos alguns minutos, começaram os alunos entregando os cadernos, com a resolução do problema. Só Raul não entregou o seu. Então, o professor pergunta-lhe a razão porque o não resolveu.

Resposta de Raul, proferida no tom mais natural do mundo:

— «Porque eu, senhor professor, dada a crise do desemprego, não quiz despedir nenhum homem e, portanto, demoram o mesmo tempo.

Depois de ter andado a passear pelas ruas de Lisboa, certo provinciano, como os sapatos lhe apertassem bastante os pés, descalçou-os.

Chega um polícia e diz-lhe:  
— «O senhor não sabe que não se pode, aqui, andar descalço?»

— Hom'essa!!... (volve o outro.)  
Pois como se anda bem é descalço. Foi por isso mesmo que eu me descalcei.

Manuel Falcão

# MUSA INFANTIL

O meu boneco de cêra,  
De massa, ou de serradura,  
É um cavaleiro andante  
E enverga linda armadura.

Tem muita graça o boneco  
Pois, com um ar importante,  
Encosta-se ao seu cavalo  
Que se chama «Rocinante»

É tal e qual D. Quixote  
— (Volve a prima de Fragoso) —  
E batalha pela tal  
Dulcineia del Toboso.

Gosto muito do boneco,  
Passo a vê-lo o dia inteiro,  
Pois parece, na verdade,  
Um valente cavaleiro!

Maria Manuela Viegas Vaz de  
Castro Pereira

# O «SEISCENTOS DIABOS»

## e o «MARICAS»

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

**S**EISCENTOS Diabos era a al-  
cunha dum menino excessi-  
vamente traquinas. Não ha-  
via diabrura que ele não in-  
ventasse, em prejuizo daque-  
les que escolhia para vítimas  
e, quantas vezes até, em prejuizo próprio:  
Era o pobre guarda do jardim público,  
para onde, acompanhado pela mestra, o  
«Seiscentos diabos ia brincar, à tarde,  
quando aquele, num banco reclinado, dor-  
mitava a sesta, farto de sacudir um im-  
pertinente mosquito que, afinal, nem se-  
quer existia mas que «Seiscentos diabos»  
simulara com a fina palhinha dum arbusto  
sêco; eram as visitas dos seus papás, ao  
transporem, à noite, o patamar, bastante  
escuro, da casa onde habitavam, advertidas  
por «Seiscentos diabos» dum degrau que  
também não existia, forçando-as a entrar  
de pé alçado, num solavanco em falso;  
eram os transeuntes sôbre cujas cabeças,

ao passarem por baixo da sua janela, caía  
a água com que, propositadamente, o  
«Seiscentos diabos» se punha a regar os  
vasos dos mangericos; era a sua criada vel-  
ha, serviçal diligente mas bastante ingê-  
nuu, às ocultas de quem arrancava as ca-  
beças dos alfinetes, pondo-as, depois, sôbre  
as costas da mão, e por quem chamava aos  
gritos, dizendo ter espetado, sem querer, os  
alfinetes na carne, e rindo, em seguida, às  
gargalhadas, ao vê-la aflita e logo após  
pasmada ante o absurdo acontecimento e  
o seu gesto, soprando as cabecinhas prate-  
adas; era, em suma, uma série interminá-  
vel de vítimas e de engraçadas partidas.  
Ao contrário de «Seiscentos diabos» o pri-  
meiro Acácio, sempre grave, sisudo, con-  
centrado, parecia ter o espírito dum velhinho  
num corpo de criança. O seu fatinho  
estava sempre limpo, não fazia uma ruga,  
e o seu comportamento era, a tôda a hora,  
elogiado pela velha madrinha que sempre



o acompanhava e para quem o Acácio era  
o seu «ai Jesus».

«Seiscentos diabos» não o podia enxerper  
que não sentisse farnicoques no corpo todo  
e um desejo louco de o amarrotar. Embio-  
rava com tanta compostura e, sempre que  
o apanhava a jeito, em casa dos papás, não  
resistia à tentação de o fazer «afinar», ca-  
e «perder a linha».

Ora, um dia, em que o Acáciozinho es-  
tava sentado na sala de visitas, entre a  
madrinha velha e circunspecta e a sua  
boa e indulgente mãizinha, hirta e macan-  
búzio, de mãozinhas sôbre os joelhos a pa-  
como um boneco de cera, «Seiscentos dia-  
bos» aproximou-se dêle e, a meia voz, con-  
vidou-o a ir brincar consigo para o inte-  
rior da casa.

Vendo, porém, que o Acáciozinho não  
só não respondera como nem sequer pestu-  
nejara, enfiou-lhe o braço e, puxando-o vi-  
lentamente, exclamou em voz alta, num  
tom autoritário, para o grupo:

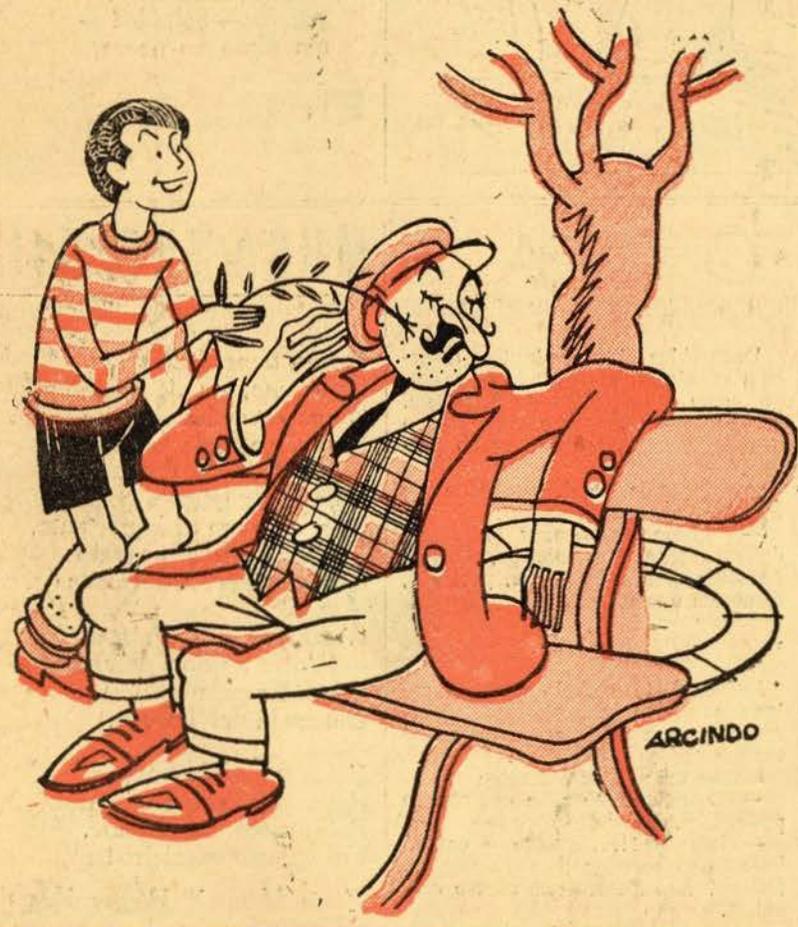
- «Nós vamos brincar... já voltamos!»
  - «Vai, meu filho, vai...» — disse-lhe a  
mãl, enquanto a madrinha velha os adver-  
tia, prudente:
  - «Vão brincar mas com termos, com  
termos!»
  - «Descanse que é com termos!»
- Tranqüilou-a o «Seiscentos diabos»,  
com a «sua» fígada.

\* \* \*

Decorrido um quarto de hora, o Acácio-  
zinho entrava na sala, fazendo um grande  
berreiro, com o fato todo amarrotado e  
sujo, e a escorrer leite, leite quente, do  
cabelo esfarrapado, como um pinto recém-  
nascido, seguido de «Seiscentos diabos»  
que vinha satisfeito e de expressão altiva:

— «Que vem a ser isto?!...» — exclamou  
ao vê-los, a velha madrinha, indignada e  
fula: — «Eu não lhes disse que brincassem  
com termos?!»

(Continua na página 8)





ARCINDO,

# A LIÇÃO DE MORAL

**N**

AQUELA tarde, Abel um jovem estudante,  
 Sete anos em botão, robusto e insinuante,  
 Na alma a flôr do bem, no olhar um arrebol,  
 Mal da escola saíu, alegre como o Sol  
 Em céu de Portugal, correndo pressuroso,  
 Partiu em direcção à casa de seus pais,  
 Como andorinha leve em dia azul, radioso,  
 Volta, ziguezaguando, aos côncavos beirais.

Por  
**JOSINO  
 AMADO**

Depois de atravessar, de lés-a-lés, a aldeia,  
 Chega ao lar maternal. Tão apressado vem,  
 E em tal concentração, que não dá pela mãe,  
 Sentada num poial a trabalhar na meia.

Empurra a porta e sobe. A mãe, ao vê-lo entrar,  
 Põe de lado o trabalho e fica-se a pensar:

Com que pressa saíu da escola o meu filhinho,  
 Que passou sem me ver e nem deu um beijinho  
 À sua amada mãe. Talvez que venha doente,  
 Deixa-me lá ir ver como é que êle se sente.

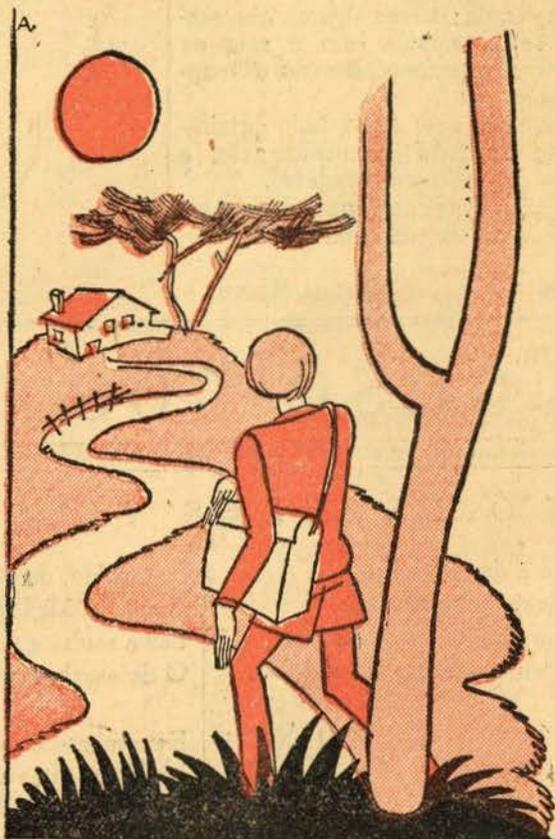
E, subindo ao balcão, com jeito a porta impele,  
 E entra, pé ante pé, para fazer surprêsa,  
 Indo encontrar na sala o seu querido Abel,  
 Cuidando, com amor, da rôla que tem prêsa.

Ao vê-lo a rir, a mãe, radiante de alegria,  
 Quedou-se a contemplá-lo, a ver o que fazia...

Junto à rude prisão de cortiça e de vime,  
 O jovem escolar, inspirado, sublime,  
 Pegando na rolinha, aperta-a contra o peito  
 E beija-a com paixão, sereno, satisfeito,  
 Olhando o azul do céu. Depois, erguendo o braço,  
 O pequenino herói na vastidão do espaço  
 Lançou a encarcerada e, comovido, diz:

— «Eu dou-te a liberdade!... E's livre!... Sê  
 feliz!...»

Correndo para o filho, a mãe, enternecida,  
 Beijando com fervor a luz da sua vida  
 E mirando-se nela, exclamou ternamente:



— «Que bela acção fizeste!... — Olhando-a com  
 amor,

Ufano do seu gesto, alegre, sorridente,  
 O pequenito volta à sua amada mãe:

— «Demos, hoje, Moral; bem vê que aprendi bem  
 A lição que nos deu o nosso professor!...»

■ ■ F I M ■ ■

# O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS

POR

ABELHA MESTRA

Este «napperon» de flores exóticas, bordadas a cheio, depois de executado, fica muito interessante porque tem um certo cunho moderno.

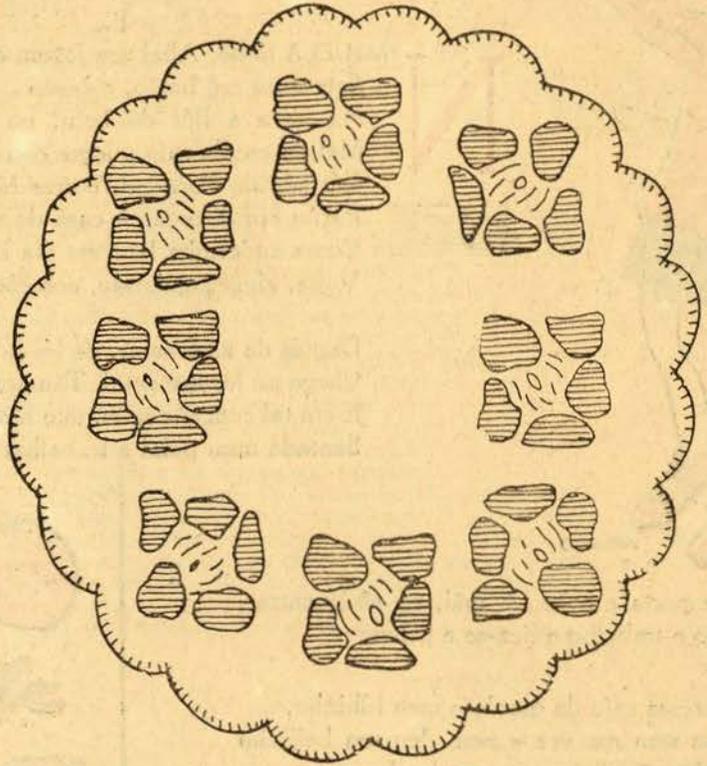
Sobre linho branco ou crú, bordam todas as flores e o recorte com linha azul marinho, empregando a «filoselle» brilhante de algodão C. M. S.

Neste caso, o azul é a côr preferida por mim, mas isto não quer dizer que qualquer outra não possa ser aplicada; talvez alguma que melhor se harmonise com a sala ou quarto a que fôr destinado o «napperon.»

Contanto que fique todo inteiramente bordado na mesma côr, o efeito será sempre agradável.

O azul, é, apenas, como disse, uma preferência da vossa amiguinha

ABELHA-MESTRA



# Conselhos da Tia Alô

NAO ESPERES PELO MAL, NENHUM BEM

Em dia de muita neve,  
De lobos uma alcateia,  
Cheia de fome e de sêde  
Desceu ao centro da aldeia.



Sem ruído, de pé leve,  
E com cuidados aos mil,  
Faz o roubo que concebe:  
O de assaltar um redil.

E enquanto o pastor já dorme,  
Dois inocentes cordeiros  
São imolados à fome  
Dêstes ladrões traiçoeiros.

Entre o dormente rebanho,  
Rápido surge o pavor  
Mas o barulho é tamanho  
Que desperta o seu pastor.

Este ergue o cajado ao ar,  
Com a ajuda dos rafeiros,

A morte tenta vingar  
Dos seus tão lindos carneiros.

Já da alcateia esfaimada  
Dois lobos jazem por terra.  
E em fuga precipitada  
Fogem os outros p'ra serra.

Meu menino, atenta bem  
No conceito desta história:  
Que nunca julgue ninguém  
Com o mal lograr vitória.

Tia Alô

■ ■ F I M ■ ■

# CONCURSO: - Grandes de Portugal

VERSOS de FRANCISCO VENTURA — DESENHOS de MANUEL FERREIRA



66

Filho do bom rei D. Pedro,  
Foi feito Mestre de Avís  
E foi rei de Portugal,  
Porque Deus assim o quis.

Contra muitos inimigos  
Em luta teve que andar;  
Mas o sábio João das Regras  
Monarca o fez aclamar.

D. Nuno Álvares Pereira,  
Herói santo e patriota,  
Fá-lo ficar vencedor  
Nos campos de Aljubarrota.

Mais tarde, já com seus filhos,  
Quís conquistar novos louros  
E lá foi até Marrocos  
Conquistando Ceuta aos mouros,

Começando, assim, a obra  
Que fez pasmo ao mundo inteiro.  
Rei ilustre e valoroso  
Chamou-se



67

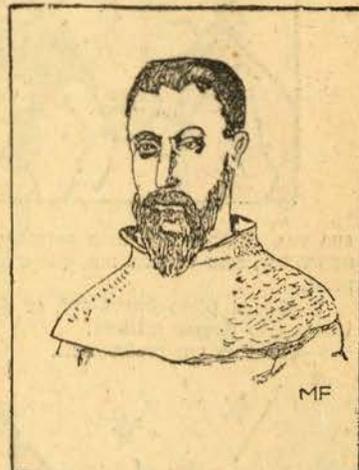
Este não foi nenhum rei  
Nem sequer grande senhor,  
Mas, à fôrça de estudar,  
Foi um ilustre doutor.

Ele é que o Mestre de Avís  
Tornou rei de Portugal,  
Pois um bom discurso às vezes,  
Bem mais do que as armas vale.

Nas côrtes, em plena Coimbra,  
De tal forma êle falou,  
Que clero, nobreza e povo  
Sem demora arrebatou.

E D. João foi aclamado  
Como rei dos lusitanos,  
Nascendo ali o valor  
Que venceu os castelhanos.

Com sua palavra ardente,  
Fugiram as nuvens negras  
E Portugal fez-se livre!  
Bem haja



68

Tendo sido algumas damas  
Da brilhante côrte inglêsa,  
Ofendidas por alguns  
Membros da alta nobreza,

Foram doze cavaleiros,  
Das terras de Portugal,  
Defendê-las num torneio  
Que ganhou fama imortal.

Porém, no dia aprazado,  
Viu-se que um deles faltava,  
Mas, mesmo assim, sem demora,  
A luta travou-se brava.

Já os onze lusitanos  
Venciam os doze inglêses,  
Quando o último surgiu  
Atacando alguns arnezes.

E triunfaram, sorrindo,  
Quási que sem dar por isso.  
São os Doze de Inglaterra  
E o último é o

Devido a um lapso, os versos da figura n.º 65 vieram acompanhados do retrato da figura n.º 70 e os versos da figura n.º 70 trarão o desenho da figura n.º 65. Os meninos concorrentes devem recortar os desenhos e colocá-los nos seus devidos lugares.

## O F A N F A R R Ã O

(Continuação da página 1)

Concluiu por um gesto de ameaça.

Carlos é que não se calou. Serenamente interrogou:

— «Mas... quê?

Manuel enfureceu-se:

— «Cala-te, cabritinho!... Não me faças chegar a mostrar a nariz, senão comes!... Pergunta a êstes, quem é o Manuel!... Olha que nunca ninguém se atreveu a meter-se comigo!... Nem os professores!... Ouviste?

— «Ouvi e dou-te os meus parabens. És um rapaz de sorte!... — replicou, muito calmo, o Carlos.

— «Mau, mau!... Olha que eu dou-te um sóco tão grande que vais pelo ar e dás a volta ao mundo!...

Carlos desatou a rir:

— «Ih!... Que bom!... Ia assistir à guerra entre a China e o Japão!...

— «Ah, sim? O menino gosta? Pois então, como é bom, lá vai um bom-bom!...

Mas o Carlos furtou a cara ao sóco de Manuel. E, por



sua vez, desencadeou uma saraivada de *swings*, *directos* e *uppercuts*, com tanta alma, que o adversário mal podia respirar.

E tê-lo-ia pôsto *knock-out*, se de repente um dos assistentes não tivesse gritado:

— «Lá vem um professor!...



Cada qual tratou de se escapulir. Manuel, o valente Manuel, de quem «até os professores tinham medo», foi o primeiro a fugir.

Quando chegou a lugar seguro, apalpou-se todo, a ver se estaria inteiro. E como só tinha um olho negro e o nariz a escorrer sangue, endireitou a sua alta estatura, respirou fundo e disse aos condiscipulos que estavam perto, depois de se ter certificado da ausência de Carlos.

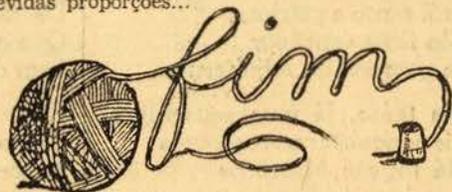
— «Foi o que valeu àquele palerma!... Se o professor não aparece tão depressa, eu rachava-o!...».

Uma gargalhada geral acolheu estas palavras do fanfarrão!...

Manuel tinha perdido o prestígio!

E todos lhe voltaram as costas! ...

Assim acontece a todos os fanfarrões. Só são considerados enquanto não aparece um autêntico valente, que o reduz às devidas proporções...



## O «Seiscentos Diabos» e o «Maricas»

(Continuação da página 4)



— Pois foi, precisamente, com termos, que nós brincámos... Foi com o «termos» do leite. — respondeu, com gaatice o endiabrado garoto.

Imediatamente o «Seiscentos diabos» foi sujeito ao castigo de recolher ao seu quarto de estudo e de apresentar uma cartinha sem um único erro, endereçada ao pai do Acáciozinho, pedindo-lhe desculpa pelo que lhe havia feito.

Passados dez minutos, «Seiscentos diabos» apresentava à velha madrinha a dita carta, que era assim redigida:

Querido tio:

O primo Acácio está um perfeito mariquinhas. A madrinha dá cabo dele. Mandê-o cá para casa um mês, que eu prometo fazer dele... um homem!

Seu sobrinho muito amigo

«Seiscentos diabos»

## H o r a de Recreio

Por absoluta falta de espaço, fomos forçados a retirar hoje esta secção.